

IP



# LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA  
2011



BA

## EDITORIAL

### COTA ZERO

STOP.

A vida parou  
ou foi o automóvel?

*Carlos Drummond de Andrade*

Começamos trazendo o poema de Carlos Drummond de Andrade, que ilustra bem a temática deste editorial, neste mês de julho: A temática da redução.

Afinal, de que ordem seria esta redução? Miller, em um de seus últimos trabalhos, fornece pistas para esta questão quando ressalta que os psicanalistas precisam saber ler o sintoma. Saber ler, segundo o autor, “aponta para reduzir o sintoma à sua fórmula inicial, ao encontro material de um significante e do corpo, ao choque puro da linguagem sobre o corpo”. Saber ler, portanto, implica em reduzir o sintoma, ou seja, transcender o sentido significante para alcançar o sem-sentido, a escritura.

Freud, em determinado momento de sua obra, destacou o rochedo da castração, enquanto obstáculo intransponível da análise. O analisante, ao chegar neste ponto, interromperia a análise, podendo retomá-la a qualquer momento que julgasse necessário, uma vez que, diante dos restos que jaziam sob o rochedo da castração, o tratamento tornava-se interminável.

Lacan, em um momento posterior do seu ensino, se depara com situação parecida, quando percebe que há algo da ordem da repetição que escapa a qualquer tentativa de simbolização e que aponta para além da cadeia significante. Ou seja, sintomas que não cessam de repetir após sua interpretação e mesmo após a travessia da fantasia.

A vertente significante, portanto, tenderia a fazer com que a articulação significante proliferasse e a análise se tornasse interminável. Por outro lado, isso que parece resistir à interpretação, ou seja, o gozo, é inalcançável pela via do simbólico. Como dar conta deste paradoxo? Miller, mais uma vez, nos responde: pela redução.

No percurso analítico, é necessário reduzir aquilo que se repete no discurso do analisante às suas formas mais elementares, aos S1s que determinam as escolhas do sujeito. Esta operação de redução, que também implica em um reordenamento de gozo, parte do simbólico e avança em direção ao real, ao *sinthoma*, ao mais singular de cada sujeito.

Drummond, no poema em epígrafe, de maneira simples e com poucas palavras, nos dá a dimensão exata do tempo (curto) da vida, provando o quanto é possível dizer muito, com tão pouco. Podemos pensar redução em psicanálise neste sentido. Ir direto ao cerne da questão, ao ponto crucial, ao mais íntimo de cada um. Exercitar a redução na escrita, é, sem dúvida, uma tarefa difícil, mas que nos resguarda da armadilha dos sentidos infinitos e nos auxilia a trazer o ponto principal, o singular de cada trabalho. Finalmente, quem parou: a vida ou o automóvel? Na dúvida, avancemos e escrevamos!

E avançando, apresentamos o n. 2 do *Lapsus*. Esta edição conta com trabalhos de Mônica Hage e Luiz Felipe Monteiro, versando respectivamente sobre os temas saúde mental e cinema. Publicamos também a segunda parte da entrevista com Sérgio de Campos, além de um texto escrito por Luiz Mena sobre o último Enapol. Por fim, apresentamos alguns poemas. Um deles, da autoria de Pedro Ivo, republicado, visto que, na última edição, por falha nossa, não saiu a contento. Boa leitura!

Julia Solano

## Sumário

**EDITORIAL 1**

Julia Solano

**ENTREVISTA 4**

**Entrevista com Sérgio de Campos - Parte II**

Realizada por Christianni Matos, Ethell Poll e Fernanda Dumet

Transcrita e Editada por Fernanda Dumet

Edição final por Júlia Solano

**TEXTOS 7**

**Ecos do Enapol (17/06/11)**

Luiz Mena

**Saúde mental: um delírio de normalidade?**

Mônica Hage

**CINEMA ITINERANTE 14**

**Quando um filme interpreta**

Luiz Felipe Monteiro

**JANELAS DO LAPSUS 16**

**Janela Informativa**

Ethel Poll

**Janela Cultural**

Ethel Poll

**POESIA 17**

**Valentinas (retificação)**

Pedro R. Ivo das Neves

## **Transmissão da psicanálise e formação psicanalítica**

**Sérgio de Campos**

Entrevista Realizada por Fernanda Dumet, Ethell Poll e Christianni Mattos

Transcrita e Editada por Fernanda Dumet

Edição Final por Julia Solano

**Sérgio de Campos**, A.E. (novembro de 2009), Médico Psiquiatra, Mestre em Estudos Psicanalíticos/UFMG, Coordenador da Residência de Psiquiatria do IRS – FHEMIG /Doutorando – UFMG.

**Resumo:** A entrevista tem como objetivo abordar a transmissão da psicanálise e a formação psicanalítica, revelando o lugar da Escola na formação do analista e a diferenciação dos grados propostos por Lacan na Escola UNA e a proposta do Passe.

**Palavras-chave:** Transmissão da psicanálise; formação; produção psicanalítica; Escola, AE, AME Passe.

### **Passe**

Lacan vem propor o Passe como uma resposta a pergunta de Freud sobre o final de análise. Lacan faz uma pergunta à comunidade analítica; quem fez final de análise que o diga como é que foi feito, como ele fez a ultrapassagem de sua fantasia, como lida com o seu sintoma, seu modo de gozo, se houve algum acontecimento de corpo e como ele se separou do analista. Essa é a pergunta que o Passe propõe. Sendo voluntário, este sujeito vai ao secretariado do Passe e faz algumas entrevistas. O secretariado é composto de um presidente e duas secretarias, se há um “sim” o sujeito vai adiante. Ele

faz um sorteio para escolher dois passadores, indicados pelos AME. Os passadores são analisantes que estão em momento de Passe ou que já foram ao Passe e que estiveram muito próximos de serem nomeados. Então, o passante, o candidato, se encontra em momentos distintos com os passadores que fazem algumas entrevistas com ele. Na verdade o passador tem um papel fundamental ali, pois ele é uma placa sensível que captura e filtra os elementos essenciais que o passante transmitiu.

### **Cartel do Passe**

É constituído por quatro mais um. Eles podem ser AME, AE, ex-AE,

ou passadores, geralmente há um misto destes todos. Atualmente o Cartel do Passe está funcionando com dois AE, um ex-AE e um passador, e tem um AME como mais um, que pertenceu ao Cartel anterior. A tendência é o Cartel dar uma resposta se o sujeito passou ou não. O que importa ali é a questão da singularidade. O passador deve explicar como o sujeito saiu da posição de analisante e passou à condição de analista, como ele fez esta passagem, quais são os pontos, interpretação, as revelações, como é que operou a lógica analítica, a lógica da cura para que o sujeito fizesse esta passagem. De modo algum se trata de uma análise da biografia, dos feitos do sujeito ou de seu romance familiar.

Muitas vezes acontece que de fato o sujeito concluiu a análise, entretanto, alguma coisa aconteceu que ele não passou. Trata-se de algo da ordem da contingência. Muitas vezes ele não conseguiu expressar como alcançou o final de análise. O Cartel verifica que o sujeito concluiu sua análise, que houve efeitos terapêuticos, houve retificação subjetiva, houve dessuposição de saber, mas, constata que o sujeito não conseguiu explicar como operou para chegar aos tais resultados. Em contrapartida, o problema pode estar do lado do

passador e não do passante. Tenta-se minimizar os problemas na transmissão, com dois passadores e não apenas um.

Nos relatos de Passe os primeiros são relatos essencialmente clínicos, onde fica evidente a passagem à condição de analista. Na medida em que o AE vai elaborando, ele vai trabalhando seu próprio Passe, vai construindo um saber, o Passe vai ganhando uma dimensão epistêmica, para no final alcançar uma condição política. A posição política é aquela de fazer a psicanálise avançar diante do mal estar do mundo contemporâneo.

Outro ponto importante que é preciso ressaltar é que antes dava-se muito importância ao Passe saber, ao Passe competência. Hoje o que está em jogo é o Passe verdade. O Cartel do Passe procura apurar para a nomeação de AE o desempenho ou performance, os efeitos de verdade que o sujeito experimentou ao longo da análise, mais do que propriamente o saber que ele construiu em sua análise.

### **Construção do caso clínico**

É importante que o passante vá ao dispositivo do Passe com o seu caso clínico construído, ou seja, com a lógica do caso construída. O passador às vezes ajuda o passante ao transmitir o relato

para o Cartel, pois pode haver pontos de neblina, onde o sujeito não consegue enxergar no seu próprio caso. Entretanto, à medida que o caso clínico estiver mais elucidado, há chance do Cartel escutar com mais clareza aqueles pontos de passagem. Portanto é responsabilidade do passante não apenas dizer das suas modificações no campo do gozo, de suas retificações subjetivas, dos efeitos terapêuticos, mas que ele possa testemunhar a lógica da própria cura.

### **O papel do analista**

O papel do analista é um papel discreto, ele nunca diz sim, nunca deve estimular o analisante a fazer o Passe, pode no máximo dizer talvez. Mas ele pode dizer não, dizer que ainda não é hora. Os analistas não precisam fazer o Passe para que possam trabalhar e mostrar que houve uma formação, uma análise. Ao analista cabe o papel do Outro, mas, Outro que deve saber cair. É preciso, no final de análise, certo descer do analista, para que aquele resto da transferência possa ser endereçado a Escola. No sentido de uma transferência de trabalho, não mais um trabalho de transferência em direção ao analista. Particularmente, foi após três anos que encontrei e conversei com o meu

analista. O analista deve assentir com este papel de cair e se fazer desnecessário. O analista deve ter essa generosidade de deixar o sujeito ir à diante.

### **Transmissão**

No período de transmissão há um empuxo a escrita, certa necessidade de formalização. Em especial deixei de sonhar e digo que agora realizo. Então, há certo empuxo ao fazer, certo *savoir y faire*, não se trata da ordem de um saber antecipado, como por exemplo: Formei-me numa faculdade de medicina, ganhei o diploma e agora posso exercer. Há algo ali que podemos fazer alusão ao trabalho do oficineiro, do artesão que de repente sabe fazer aquela mesa. O AE pode dizer: “eu não sei muito não, mas eu vou inventar um pouco aqui e ali, eu vou lhe dizendo do meu saber, um saber da ordem da ficção”. Cada um vai falar a partir de sua singularidade, de seu *sinthoma*, cada um vai falar da sua língua privada, da sua língua fundamental, a partir do seu buraco traumático, do *troumatisme* que Lacan diz, no sentido de como o sujeito vai fazer o trato com a palavra, para fazer de alguma maneira o revestimento de seu buraco. É com seu *sinthoma*, com

sua singularidade, que ele vai sustentar o desejo do analista.

Nunca haverá um *standard* que vai homogeneizar os finais de análise e o Passe. O Passe é uma possibilidade realizada a partir da singularidade de cada sujeito. É nisso que a Escola aposta no futuro, numa Escola em que cada um possa ter a marca de sua singularidade. A idéia a que Lacan alude é a ideia do exame, em que as abelhas não fazem um grupo. Porém, como a lógica do grupo insiste, então, é necessário que a lógica analítica esteja operando o tempo todo, a partir da singularidade de cada um.

Essas considerações dizem respeito à psicanálise pura, pois ela é a

bússola que orienta a Escola. De alguma maneira a Escola UNA é o espírito da Escola, ela é desencarnada, e de vez em quando baixa o espírito da Escola UNA, como se diz aqui na Bahia. E nisso a AMP produz muito quando baixa o espírito da Escola UNA. É a psicanálise pura que orienta a psicanálise aplicada, se não fosse isso cairíamos no campo das psicoterapias, então a psicanálise pura é o orientador, é a bússola, ela é que é o fio da meada, fio de Ariadne, que orienta a psicanálise na interface com a sociedade, a psicanálise aplicada à terapêutica que vai ser trabalhada nos hospitais, nas instituições jurídicas e sociais.

### **Ecos do Enapol (17/06/11)**

Luiz Mena

Com a apresentação de quase 293 trabalhos entre o sábado e o domingo (fora alguns de nossos colegas que ficaram presos por causa do vulcão), e mais as falas das conferências e de nossos seis AE's, como contabilizar o saldo deste V Enapol?

Primeira constatação óbvia: impossível estar em todas as mesas, participar de todas as discussões, aproveitar tudo o que o encontro

oportunizou a cada um dos participantes. Temos somente nossos recortes, nossos pontos de vista, restos singulares de um todo impossível de ser recomposto. Isto posto, o objetivo deste relato aparece, finalmente, como um flash do encontro, um recorte particular, como um convite indecente para que outros se deixem mostrar também seus restos do encontro, um pouco do Enapol de cada um, para que consigamos tecer

uma costura desses restos e termos acesso a algo mais do que cada um viu, produção de um laço feito de restos.

Com tantas mesas simultâneas, acabávamos encontrando os colegas no hall, apressados, saindo de uma discussão e apertando o passo em direção a outra. No mais, o tempo só dava pra um “E aí, você estava em que mesa? Foi bom? Tá indo pra onde? Depois a gente se encontra!”. Às vezes, já cansados, nos permitíamos desistir de entrar na próxima mesa, parávamos no hall pra esticar um pouco mais a conversa (e as pernas), como uma desculpa pra retomar o fôlego e recobrar as energias mentais que permitiriam às sinapses entre tico e teco se recuperarem. Nesses momentos de *encontro*, quando nos púnhamos a desenvolver um pouco mais o que havíamos acabado de escutar, “fulano disse isso e aquilo, foi muito interessante por causa disso e daquilo”, nosso interlocutor aceitava de bom grado nossa interrupção à maratona, e com um sorriso aliviado aproveitava pra pegar um copo d’água, agradecendo por termos esticado um pouco mais o assunto.

Aproveitávamos assim pra pegar um copo d’água e... Ué, cadê a água?? Infelizmente acabou a água, senhor! Como assim acabou a água? É, acabou a

água. Com um pouquinho de insistência o garçom acabava por revelar que havia sido impreciso. Fazendo jus a um evento de psicanálise, bom garçom que era, nos lembrava que não devemos confiar tanto assim nos significantes, dado que a linguagem é equívoca: não é que a água tinha acabado, a água “gratuita” havia acabado. Se *quiséssemos realmente* beber água – e aí ele traz nova precisão dos conceitos, pelo hiato existente entre querer e desejar, visto que *querer realmente* pode ser quase *desejar* – era só entrarmos no bar do hotel e comprar aquela “garrafinha de dois goles” (não aquela de 500ml, mas aquela outra que tem o tamanho da antiga *gini* de limão) pela bagatela de 10 reais! Caramba, 10 reais a “garrafinha de dois goles”? Vi as pessoas andando com essa garrafinha pra lá e pra cá o dia inteiro, economizando nos goles, talvez pra terem a impressão que afinal a água não tinha saído tão cara assim...

Mas tudo estaria resolvido na hora do coffee break, eu pensava. Saí correndo da sala onde estava pra evitar o empurra-empurra, e constatei que um monte de gente nem tinha ido pra última mesa só pra guardar lugar na fila do cafezinho, com medo que o cafezinho também acabasse! A fila era gigante, e pra evitar ter que entrar na fila duas



vezes, o remédio era já pegar com uma mão o café, com a outra o suco, e beber de pé na fila dos petiscos.

Acabei desistindo do cafezinho “gratuito”, estava cansado das mesas que havia acabado de ouvir, e resolvi que merecia um pouco de conforto pós-trabalho. Fui pra varanda – um show à parte, com vista pro mar em um belo dia de sol – e resolvi me pagar um café. O garçom avisou – quem avisa amigo é – que o cafezinho custava oito reais. “OITO REAIS?”, exclamei sem pudor, no que ele explicou, igualmente sem pudor: “Mas é café expresso...”. Como não cabia argumentar que também existia café expresso em Salvador, em São Paulo, em Medellin – e porque eu realmente precisava de um café àquela altura do campeonato – resolvi aceitar o café, e constatei que o garçom havia exagerado: quando trouxe a conta, o café havia custado seis e sessenta. Ainda fiquei feliz, pensando que afinal o café não tinha saído tão caro assim...

Quanto à festa da noite anterior, no Clube dos Macacos, excelente! Bebida, comida, música, iluminação, e todo mundo super à vontade, sem se importar muito com o fato de que seus analistas estavam na festa... Mas que negócio é esse de acabar a festa às duas da manhã? No auge da festa? Isso não se faz! Todo mundo dançando, se

divertindo, Tim Maia rolando, e de uma hora pra outra o DJ começa a tocar “Era um biquíni de bolinha amarelinho...”!?!?

Silêncio na pista: o que era aquilo? Todo mundo se olhou, cúmplice: todos sabiam que aquela música era a senha de que a festa havia acabado. Em face aos inúmeros protestos – a pista estava cheia, a festa estava no auge – o DJ resolve colocar uma última música, já com as luzes acesas, que soou mais como um golpe de misericórdia: “Cidade maravilhosa, cheia de encantos mil...” É, não teria jeito, a festa havia acabado. Não tinha mais Tim Maia, não tinha mais samba, nem funk, nem samba-rock. Dentre os inúmeros passistas amadores que saíam da festa com um copo de cerveja em cada mão, fomos para o ônibus, e descemos conformados a ladeira rumo ao hotel. Cinco horas depois já estava de pé, escutando as primeiras falas tão aguardadas deste Enapol (e correndo atrás de água e café, porque ninguém é de ferro!).

Algumas mesas me chamaram mais atenção que outras. Trago aqui minhas impressões, o que as diferentes falas produziram em mim como reflexão, a partir da certeza de que minha interpretação de suas falas possa

não corresponder ao que de fato cada um dos autores procurou transmitir.

A conferência de Laurent de sábado não me chamou tanta atenção quanto sua participação na mesa dos passes, no domingo. Sou incapaz de transcrever seus apontamentos aqui (espero que não demorem a sair publicados), mas a impressão que ficou em mim no domingo é que ele realmente trouxe apontamentos inéditos, produzindo um novo enodamento com relação à prática clínica, à teoria topológica, ao passe, assim como uma nova compreensão da loucura de cada um e do papel da Escola. Excelente.

Aliás, essa mesa dos passes teve um efeito profundo em mim: meu sentimento foi de uma renovação de minha transferência à Escola. O passe de Sérgio de Campos é fantástico, mas ler seu passe é uma coisa, e ouvi-lo gritar a intervenção de seu analista em uma sala com 1400 pessoas, “Ô cara, a mulher não existe!”, foi impressionante. Como frisou Laurent, cada relato trazia o corpo em uma costura singular ao sintoma, e ouvir o grito de Sérgio ecoando em meus ouvidos gerou em mim esse sentimento de transferência renovada à Escola: o Outro não existe, estávamos vendo isso ao vivo e a cores. Queda de um certo ideal, afrouxamento do supereu: afinal, somos todos loucos.

De volta à análise! Aqueles seis corpos expostos produziram em mim um efeito de enlace com relação à transmissão, na medida em que uma transmissão que seja borromeana não é só teoria: ela passa pelo corpo.

Mostrar que se é louco, ou reduzir o abismo que o Outro produz entre o ideal e o real, em um esburacamento do Discurso do Mestre, é o que mostrou a segunda mesa do sábado. Que grande prazer escutar aquela mesa de não psicanalistas, e perceber que afinal não somos tão loucos assim, nosso discurso não é tão hermético assim: há outros que compartilham, ainda que com outros conceitos e significantes, de uma ética do sujeito. Fiquei tocado com a fala de Octávio Domont, que trouxe sua experiência como professor da UFRJ, onde, há cinco anos, procurou reestruturar o modelo da “apresentação de doentes” na matéria de psicopatologia. Se até então o modelo clássico se sustentava por um discurso que desnudava o dito do sujeito para a produção de um saber sobre ele, sobre sua patologia, saber sobre o alienado que reduz o sujeito a uma posição de objeto da teoria, objeto do saber do Outro, Octávio nos traz uma mudança de perspectiva que parece tão simples,

quase óbvia, mas que produz uma radical diferença: ele propõe que o sujeito continue indo ao centro da sala de aula, mas não para apresentar sua doença, nem para que os outros a diagnostiquem conforme suas próprias categorias nosográficas. O sujeito irá falar de si, de sua vida, de sua *experiência*, e construir assim um saber próprio com relação ao que se passa com ele. Termina com um exemplo: se estudarmos e lermos nos livros bastante coisa sobre a natureza, provavelmente não a reconheceremos quando estivermos diante dela. O que me faz lembrar daquela outra história, do médico que chegou para o sujeito e perguntou: “Você é esquizofrênico?” “Não, sou Raimundo!”

Discurso do mestre versus discurso analítico, Heloísa Telles nos propõe uma reflexão sobre o cotidiano – muitas vezes nada pacífico – de uma psicanalista em instituição. O ponto que ela aborda toca em sua própria análise, e interessa a todos que, como eu, trabalham em instituição: seriam inconciliáveis os discursos do mestre e analítico? Em um primeiro momento sim, responde ela. Guiada por significantes familiares aos quais estava alienada, “ser solidária ao sofrimento do outro”, mostra que guiar-se por uma ética do bem fazia obstáculo à escuta.

Responder às exigências protocolares do hospital, com um empuxo à homogeneização e à burocratização da assistência, servia apenas como proteção contra o real, alienada ao ideal dos significantes familiares. A partir de um atravessamento em sua própria análise, Heloísa se permite responder novamente à questão da conciliação: o discurso do mestre e o discurso analítico são a princípio inconciliáveis e opostos, mas o que permite uma conciliação possível é o atravessamento de nossa própria análise, que possibilita um reposicionamento do analista com relação à injunção burocrática do mestre. Antes que responder ou recusar qualquer protocolo institucional, podemos a partir desse giro propor *protocolos singulares* (por mais paradoxal que possa parecer um “protocolo não universal”), que respeitem a escuta particular de cada sujeito, um por um.

É essa mesma idéia que orienta o trabalho de Marcelo Magnelli, com o projeto Criamundo: a construção de protocolos singulares pode incluir desde a mais padronizada das soluções (inclusão social via trabalho formal) até a mais singular das soluções. Como os nomes do pai são plurais, um sujeito pode se beneficiar – estabilizar – com uma solução *standard*, pela via do ideal

– porque não? – ao mesmo tempo que outro pode se beneficiar com uma solução singular, pela via dos dejetos.

O trabalho de Marcelo Veras me pareceu um trabalho que deveria ser apresentado também em um congresso de psiquiatria. Quando trabalhamos em instituições de saúde mental, estamos acostumados a ouvir que muitos pacientes, de tão desorganizados que chegam, precisam primeiro passar pelo médico, para que a medicação, ao fazer efeito, possa possibilitar ao sujeito enfim falar. Ou seja, precisam muitas vezes ser medicados para conseguirem começar a falar. Ora, Marcelo Veras nos traz a constatação clínica de que muitos pacientes são refratários ao medicamento, o corpo não responde. Seguindo a idéia de Levy-Strauss sobre *a eficácia simbólica*, propõe de maneira interessante uma inversão do paradigma: somente quando o remédio puder vir antecedido/acompanhado por uma palavra é que o efeito sobre o corpo pode ter alguma incidência. Nova conciliação possível entre os dois discursos, possível somente a partir de uma inflexão a partir de sua própria análise, como nos revela Marcelo.

Enfim, teria outros comentários a fazer. Mas encerro parabenizando a Escola. O evento foi excelente. Como sugestão eu deixaria uma redução no

número de trabalhos por mesa: 2 trabalhos permitem elaborações um pouco maiores, e maior participação do público na discussão. Houve mesas com três trabalhos em que quase não houve discussão, e outras em que o corte exigido nos textos (para caberem 3 por mesa) acabaram por mutilar elaborações fundamentais, que os autores tiveram que esclarecer durante a discussão.

E que a festa não acabe às 2h!

E que a água seja abundante!

## Saúde mental: um delírio de normalidade?

Mônica Hage

O Núcleo de Investigação de Psicanálise e Psicose, no primeiro semestre de 2011, norteou os seus estudos articulando-os com o tema do V Enapol – “A Saúde para todos, *não sem*, a loucura de cada um”. Desta forma, nos propusemos a trabalhar em torno de uma pergunta: “Saúde Mental: um delírio de normalidade?”

Percorremos alguns textos de Lacan, Miller e Éric Laurent.

Se, por um lado, a saúde pode ser definida como o silêncio dos órgãos; por outro, tudo aquilo que não é físico não pode ser reduzido ao mental. Há algo, no homem, que, embora pareça, não é da ordem do mental, nos diz Miller em “*Saúde Mental e Ordem Pública.*” Trata-se do que Freud nomeou de pensamento inconsciente. O que justamente impede a *mens sana* e o *corpore sano* é a existência desarmônica desse pensamento. Se a Saúde Mental implica em harmonia, em equilíbrio, dada a existência do inconsciente este equilíbrio está fadado ao fracasso. Ela só existe nos animais. O homem, banhado pela linguagem antes mesmo de vir ao mundo, está para sempre marcado por uma

impossibilidade: o equilíbrio entre o “*inmwel*” e o “*unmwelt*”.

Nas nossas discussões, trouxemos também uma contextualização histórica. A promessa de saúde mental, promessa das burocracias sanitárias, foi um modo de substituir a disciplina psiquiátrica de uma época. Se os psiquiatras não prometiam a saúde, pois se ocupavam mais com as doenças, foi preciso que a Organização Mundial da Saúde (OMS) dela se ocupasse. O novo objetivo passou a ser garantir um bem-estar físico e mental no máximo nível alcançável. O objetivo era, também, atingir um estado de saúde mental.

O problema das burocracias é que elas produzem categorias e identificações, afirma Laurent em “*O delírio de normalidade*”. Os delírios de normalidade combinam, assim, com os delírios de classificação. Ambos são sintomas do desconhecimento do fato de que, apesar de existir tipos de sintoma, eles são singulares, únicos e próprios a cada sujeito.

Tomando, então, essa singularidade como ponto de partida, a saúde mental não existe. É apenas um

delírio de normalidade e, não nos servindo de critério na prática analítica, talvez tenha uma melhor utilidade para os operadores da ordem pública.

Bem, se o ideal de saúde mental não serve ao psicanalista, ou praticante da psicanálise, o que nos resta fazer quando estamos inseridos num sistema de saúde que, organizado a partir de protocolos e estatísticas, almeja resolver a questão da saúde pública, sustentando-se no imperativo: “Saúde para todos...direito do cidadão”?

A nossa resposta, nos traz Miller, “é uma via inédita, mas precária e, no entanto, mais segura: a salvação pelos dejetos”. A salvação pelos dejetos se opõe à salvação pelos ideais. No lugar do imperativo “para o bem de

todos”, procuramos localizar onde está a loucura de cada um; aquela nossa “loucura particular”, a nossa “invenção” para suportarmos o fato inexorável de que o Outro não existe.

### **Quando um filme interpreta**

Luiz Felipe Monteiro

O que significa ver um filme sob as lentes do discurso analítico? O que um filme pode nos ensinar sobre algo da psicanálise? São perguntas que norteiam uma apreensão da obra cinematográfica, para além do mero suporte de interpretações selvagens sobre os personagens e muitas vezes, sobre os próprios diretores e atores do filme.

Trata-se de se valer de um outro discurso, para pensar a psicanálise. Slavoj Žižek sintetiza bem essa operação ao mencionar a visão em paralaxe, onde atesta que enxergamos melhor quando vemos sob um olhar enviesado. Se concordarmos com Lacan, quando diz que a verdade tem estrutura de ficção, isto confere uma pertinência especial ao pensar a

psicanálise sob as lentes do cinema. Afinal, o discurso cinematográfico é a própria estrutura de ficção posta em ato, um filme, só é um filme, por sua *mise-em-scene*, sua encenação e articulação de significantes que se justapõem entre os cortes, enquadramentos, cenários, trilha-sonora e diálogos de uma trama.

Em outras palavras, a linguagem cinematográfica possui um modo de operação simbólica, onde não cabe os mesmos juízos de realidade, daquilo que consideramos a “realidade concreta dos fatos”. Assim, como em um sonho, tudo o que se vê em um filme está articulado em uma cadeia simbólica que compõe a narrativa do filme. Nada que é visto é aleatório, fortuito; inclusive e especialmente aquilo que o diretor nos impede de ver. Aquilo que fica fora no enquadre também compõe a cena.

Não se trata da fórmula clássica “tudo tem um sentido” onde algum mentor sabe de todos os significados de antemão. Tanto em um filme, como nos sonhos, os elementos que estão à vista e aqueles que não são mostrados compõem uma linguagem simbólica onde os possíveis significados não estão previamente estabelecidos. O diretor de um filme e o “inconsciente” guiam o nosso olhar por meio dos seus recursos “técnicos” (condensação, deslocamento, corte, close, etc...). Desse modo, criam

uma narrativa que sugere significações, sem encerrá-las em significados pré-estabelecidos. Esta lógica da linguagem simbólica, comum aos sonhos e aos filmes, depende do espectador\sonhador para realizar a sua significação. Um filme não visto, é apenas um pasta de arquivo digital perdido no HD de algum produtor, tal qual um sonho não elaborado, é apenas algo estranho que sobrevêm à noite.

Exatamente por haver uma sugestão de significação oferecida pelo modo como o nosso olhar é guiado, que um filme pode ser lido. Nesse sentido, uma boa maneira de nos servir de um filme é prestar atenção não à história contada, mas no modo como as cenas são ligadas uma à outra. Este é o trabalho do montador do filme e aí reside a estrutura de significação de um filme.

Enquanto estamos prestando atenção aos diálogos e ao drama do filme, não nos damos conta facilmente do tipo de articulação simbólica que o diretor realiza para guiar o nosso olhar. Essa articulação simbólica que não está no conteúdo dos diálogos, mas na forma como as imagens são montadas quadro a quadros, é a própria enunciação. Mesmo conceito que se aplicado ao discurso do analisante, inclusive aquele sobre um sonho recordado. A

sagacidade de Freud quando escreve a *Interpretações dos Sonhos*, reside exatamente na compreensão de que a significação dos sonhos está muito mais no modo como as imagens (visuais e acústicas) se articulam, do que necessariamente no conteúdo da fala do paciente. Desde sua leitura de imagens, pode-se entrever que há ali um saber

não sabido que interpreta o sujeito. Trata-se da mesma torção que se aplica ao cinema desde uma certa leitura psicanalítica, um filme nos mostra mais quando supomos que ele nos interpreta, não o contrário.

## Janela Informativa

Ethel Poll

### Teoria da Clínica

A Teoria da clínica está de volta com caso clínico apresentado por Carla Fernandes e comentários do AE-1995 e AME, Bernardino Horne, coordenador da atividade que será desenvolvida em cinco meses.

**Onde:** Sede da EBP /IPB

**Quando:** 04 de agosto, 01 de setembro, 29 de setembro e 03 de novembro de 2011.

**Hora:** 19h30min – Início

**Quanto:** R\$ 50,00

Entrada franca para alunos dos cursos do IPB e praticantes do CPCT.

### Cinema Itinerante

Foi um sucesso o lançamento deste novo projeto da Biblioteca – EBP/IPB, com a exibição do filme *Cisne Negro* e comentários de Luiz Felipe Monteiro. O Núcleo Carrossel rerepresentará o *Cisne Negro* no dia 31.08.

**Onde:** Sede EBP/ IPB - Núcleo Carrossel

**Hora:** 09h30min

**Quando:** 31 de agosto de 2011

**Entrada Franca**



## **XVII Jornada da EBP-BA**

### **XIII Jornada do IPB**

#### **O Sinthoma e a Nova Ordem Simbólica**

Convidado- Pierri Skriabine – AME da ACF – Paris

A comissão organizadora do evento convida todos à produção escrita. Os interessados em apresentar trabalhos, deverão ler na íntegra a convocação com as orientações e eixos temáticos.

**Onde:** Sede EBP/IPB

**Quando:** 20 a 22 de Outubro de 2011

**Quanto:** profissionais R\$ 200,00  
estudantes (graduação) R\$ 150,00

## **Janela Cultural**

Ethel Poll

### **Meia Noite em Paris**

O mais novo filme de Woody Allen traz como cenário estonteante a charmosa “Cidade Luz”. Gil (Owen Wilson), roteirista de Hollywood está passando férias em Paris com a família da noiva, Inez (Rachel McAdams). Gil adora voltar a Paris. É lá que se reconecta com a "grande arte", longe do dia a dia de enlatados encomendados de Los Angeles. Seu sonho era viver nos anos 1920, quando F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e Pablo Picasso circulavam por ateliês e cafés da cidade. Certa noite, Gil misteriosamente realiza esse sonho.

Gil vive a nostalgia de um passado que não viveu, um passado, idealizado nos grandes mestres das artes. A fuga a este passado o desconecta de uma realidade o qual, à contragosto, está submerso. É um covarde de seu desejo, e nas suas fugas descobre que um “homem não é grande, ele torna-se grande” por estar afinado ao seu desejo. Reorientar-se é uma questão de escolha, implica em suportar as perdas sem fazer disto falta, mas sim causa.

**Onde:** Sala de Arte -Cine Vivo - UCI Iguatemi

**Quanto:** Inteira R\$ 17, 00,  
Meia R\$ 8,50.

## Valentinas

Pedro R. Ivo das Neves  
([www.antesdoverbo.com.br](http://www.antesdoverbo.com.br))

ela me pede, eu dou,  
o meu melhor amor  
nesta confusão

a ela não basta  
as minhas lambidas demoradas  
as estradas percorridas  
nas paisagens coloridas que transmudam

o que quer enfim uma mulher ?  
tal pergunta clássica do analista  
ricocheteia nas pedras da rua  
da elegante bem vestida  
da outra toda nua

uma mulher não quer,  
pois tem,  
mas assim quer,  
e no máximo uma bóia  
em que se apóia e flutua,  
para respirar  
e depois voltar no seu mar  
a imergir, a mergulhar.

sobre as ondas do infinito  
sigo em meu barco/ velejar

2011-06-04

**Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)**

**Submissão de Trabalhos:**

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

\*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

**EQUIPE LAPSUS**

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano e Rogério Barros

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com)

